

provam apenas o mau gosto e a má criação de quem as emprega, e nem sequer mereceriam ser notadas, a não ser por causa do rasto de rancores que deixam.

I. A NOSSA TAREFA

Os nossos amigos intervencionistas (falo dos amigos, isto é, dos que na intervenção em favor da França e da Inglaterra vêem uma necessidade de defesa contra o despotismo tedesco e um meio de derribar o militarismo e criar um ambiente de liberdade favorável à luta pela revolução social, e não dos guerristas que miram a substituir um imperialismo por outro e que nos são tão odiosos como os despotas de Berlim ou de Viena), os nossos amigos intervencionistas parecem não compreender as verdadeiras razões da nossa igual hostilidade às duas partes combatentes. E pensam que nós, cegos e surdos a todos os motivos pelos quais o mundo caminha por uma via que não corresponde exactamente a nenhum programa ideal, sacrificamos a realidade às «fórmulas» e, não podendo fazer a anarquia directa e imediatamente, preferimos ficar inertes. Juízo estranho deveras, quando formulado por quem nos conhece e sabe como sempre combatemos toda a filosofia fatalista e adormecedora, partisse embora do campo socialista ou do campo anarquista.

Afirmam que somos hostis aos governos da França e da Inglaterra tanto como aos da Alemanha e da Áustria, por entendermos que todos os governos se equivalem; e esforçam-se por nos demonstrar que, se é certo que todos os governos são maus, também é certo que o não são todos no mesmo grau.

É uma velha questão que, apesar das imprecisões da linguagem corrente, já deveria ser clara para quem está informado das ideias e da tática dos anarquistas.

Sabemos perfeitamente que há diferença; e não precisamos de fazer grandes esforços para nos persuadir de que é melhor ir para a cadeia do que ser enforcado, e que estar na cadeia um ano é melhor do que lá estar dez. A razão da diferença, mais do que na forma de governo, reside nas condições gerais, económicas e morais, da sociedade, no estado de opinião pública, na resistência que os governados sabem opor às intrusões e arbitrariedades das autoridades; mas certamente as próprias formas, que são aliás resultado das lutas sustentadas pelas gerações passadas, têm a sua importância, enquanto são um obstáculo mais ou menos poderoso nas lutas contemporâneas. É a missão do historiador estudar objetivamente os factos e suas causas; é tarefa sua dizer-nos, por exemplo, que em dada época em França havia mais liberdade do que na Alemanha, que em determinado país sob a república havia menos restrições que no tempo da monarquia.

Mas a nossa tarefa, de nós que lutamos pela liberdade integral e sabemos que todos os governos devem pela sua lei de vida opor-se à liberdade, é procurar-mos derribar o governo e não melhorá-lo: —convencidos, aliás, de que, mesmo sob o ponto de vista reformista, é este o melhor meio de «constranger o governo a fazer concessões, sem paralisar a luta e sem comprometer o futuro».

Na prática, para nós o pior governo é sempre aquele sob o qual nos achamos, aquele contra o qual mais directamente combatemos.

Quando os cosacos da Itália assassinam os manifestantes, invocamos a revolta contra eles e contra o governo que eles servem; e não estamos a pensar que na Rússia, em circunstâncias semelhantes, teriam matado maior número de pessoas.

Só com a condição de olhar sempre em frente, de aspirar sempre a melhor, é que podemos ser revolucionários e progressistas; se não, teríamos que estar sempre contentes com tudo, pois sempre se encontra um lugar onde estão pior do que nós, ou uma época em que estavam pior do que hoje. Seria o estado de espírito daquela velha que, havendo partido uma pena, dava graças a Deus por não ter partido as duas. E é afinal o estado de espírito de todos

os conservadores sinceros, que renunciam ao melhor com medo do pior, e não querem caminhar para o futuro com receio de que volte o passado.

Não é, pois, verdade que ignoremos as graduações e a relatividade das coisas humanas. Estamos sempre prontos a dar o nosso concurso a tudo o que, em nossa opinião, constitui um progresso, a tudo o que nos avizinha do nosso ideal de justiça, de liberdade, de solidariedade humana. Mas não queremos, por amor de mentirosas palavras, fechar os olhos à evidência e seguir a bandeira de quem o inimigo é nato da liberdade e da justiça. Não queremos, para falar do nosso caso concreto, fiados nos discursos oficiais, apoiar os governos da França e da Inglaterra, que não somente são, eles próprios, bem liberticidas, mas ainda com o pretexto de abater os tiranos de Berlim e de Viena, pretendem pôr-nos ao serviço do despota russo.

ENRICO MALATESTA.

No próximo número:

II. Os fins e resultados da guerra.

Os jovens Sindicalistas Franceses

O *Despertar*, órgão mensal das Juventudes Sindicalistas portuguesas, incluiu no seu último número a publicação provisória do boletim das Juventudes Sindicalistas de França — *Le Cri des Jeunes Syndicalistes*, que ocupa toda a terceira página.

Entre os artigos desse boletim em francês, notamos o que é encimado pela epigrafe *A propos de sabre*. O autor desenvolve o poderoso e inofensível argumento que por nosso lado temos empregado e que temos visto em todos os jornais revolucionários: o mal que para a propaganda, para o futuro do movimento revolucionário, resultará da adesão de antimilitaristas a uma guerra de Estado.

A guerra, diz ele, até hoje considerada como o mais monstruoso atentado contra a classe operária passa a ser a sua única tábua de salvação. (Que significavam então as apóstrofes contra as carnificinas, os conselhos disfarçados de deserção ou revolta, os virulentos ataques ao militarismo? As *casas camaradas* não previam o cataclismo, então devem estar gratíssimos aos prudentes burgueses, muito mais advinhos e perspicazes. Se previam, porque não aplaudiam as medidas tendentes a aumentar as forças defensivas dos Estados que iam ser baluartes da civilização ameaçada?)

Em suma, a classe operária não pode aceitar guerra alguma, mas pode ser constrangida a aceitar determinadas guerras: donde necessidade para ela de combater todo e qualquer militarismo e de reverter a ele sendo preciso. Temos, pois, que talhar um quinhão para a espada. Atraente perspectiva!

O autor espera, como nós, que, finda a luta, muitos erros se dissiparão.

UM PROTESTO

A classe operária de Silves tendo conhecimento que o *Jornal da Noite de 7 do corrente, folha monarchica, publicou uma carta onde Antonio da Silva Pena Paralta dava a sua adesão ao partido monarchico, precisamente na ocasião em que este senhor estava em Lisboa tratando da crise de trabalho desta cidade e da carestia da vida, levanta o seu veemente brado de revolta por este sujeito passar de avançado a monarchico catolico no momento em que se debatia a fome e não a politica.*

Em face do exposto, vem a classe operária de Silves declarar que já deante do ex-anarquista significou o seu desprezo e incompatibilidade, recusando-se a aceitar-lhe os mais insignificantes serviços; e por meio da imprensa avisar todos os seus camaradas do mau procedimento deste individuo; e repellido toda e qualquer solidariedade com tão indigno sujeito, protesta contra a sua desgraçada attitude que certamente será condenada por todas as classes operarias.

Pela Associação Corticeira de Silves, Hermenegildo Thomaz Ribeiro, Diogo dos Santos Caetano, João Silvestre, Antonio d'Oliveira, e Sebastião Marques.

Provar o evangelho por milagres, é provar um absurdo por coisas contrárias à natureza. Diderot.

SOBRE O CONGRESSO DO FERROL

Está á porta o Congresso do Ferrol. Há todas as esperanças para que desse Congresso Internacional saiam acordos práticos tanto no sentido de se preparar um forte obstáculo a que a monstruosa guerra continue, como para qualquer resolução que se tome no sentido de se combinarem forças que não-de exercer uma acção favorável, a todos os respeito, ao incremento que em vários países está tomando o espirito de rebelião, que neles, por varias causas, se vai desenvolvendo. Insistir nestas benéficas probabilidades é desnecessário. Elas apresentam-se claramente a todos os revolucionários sociais. Pelo que, particularmente, diz respeito ao proletariado dos dois países peninsulares, escusado será igualmente encarecer a necessidade, ha muito sentida, de estabelecer um entendimento entre si, tão próximas, e em muitos casos comuns são as suas necessidades e aspirações.

Tudo quanto se conseguir fazer naquele sentido é de absoluta necessidade; e está ainda avulsa mais se considerarmos que de um dia para o outro pode surgir, inesperadamente, um conflito entre os dois países, provocado pelos respectivos governos; e os dois povos, sem se odiarem, sem conhecerem as causas dum provavel conflito e sem para essas causas terem em nada contribuido, podem ser arremessados um contra o outro, chacinarem-se mutuamente, para apenas satisfazer ambições e desejos de conquista, embora estes sejam capciosamente encobertos com sofismas mais ou menos habéis afim de que cada povo acredite simultaneamente que vai á guerra e se bate porque foi o primeiro a ser ofendido e que por isso defende a sua independencia — á semelhança do que procuraram fazer os governos das nações em luta na Europa.

Não é em vão, pois, que o Ateneu Sindicalista do Ferrol promove a anunciada reunião internacional. Não é nem foi em vão, porque a necessidade que aquela instituição revolucionária sentiu, sentiam-na igualmente os revolucionários e os organismos operários de vários países como o demonstram as adesões a esse Congresso dadas pelas entidades do nosso n.º passado noticiadas, alem de muitas outras que sabemos já terem sido enviadas para Ferrol.

No passado domingo reuniram-se os sócios do Centro Instrutivo de Propaganda Libertaria; apreciaram devidamente o assunto e resolveram que o Centro se fizesse representar por um delegado directo, acordando em que esse delegado fosse o camarada Ernesto Cardoso.

Tambem os Grupos «Aurora Social» e «Propaganda Libertaria» asentaram em que os representasse no mesmo Congresso o camarada Antonio Alves Pereira, o qual representará igualmente a «Aurora».

A convite do «Grupo de Propaganda Libertaria» reuniram no passado domingo os anarquistas do Porto, agrupados ou não, para deliberarem sobre a adesão ao Congresso do Ferrol.

Por um dos membros daquele grupo foi exposto o assunto e sobre o mesmo manifestaram-se diversos camaradas presentes, resolvendo-se que os anarquistas se fizessem representar pelo camarada Serafim Cardoso Lucena.

Para ocorrer ás despesas com a delegacia do Norte, acordou-se que fossem abertas subscrições, constituindo-se, para levar essa resolução a efeito, um comité composto de nove camaradas. Por ultimo assentou-se em que se fizesse novo convite a todos os camaradas e grupos, para se trocarem opiniões sobre a missão a desempenhar pela delegacia anarquista do Norte no Congresso do Ferrol.

CONVITE

Convidam-se todos os camaradas não agrupados assim como os grupos anarquistas do Porto e arrabaldes a comparecer hoje, 25,

pelas 10 horas da manhã, na redacção da «Aurora», rua Formosa, 242-2.º afim de se concluirem os trabalhos encetados na reunião de domingo sobre o Congresso do Ferrol,

Notas de perto

II

Meu caro C.

São tantos os edificantes trechos e referencias que desejo traduzir, transcrever e oferecer-te, que mal sei por onde devo principiar. Os diários livraram-me, porém, do apuro, pois derramam-me a noticia de que no dia 8 p.p. passára o aniversário do rei Alberto, da pobre Bélgica, e que muitos e cotados portugueses lhe enviaram saudações.

Ora sabes tu, ou tens ouvido alguma coisa sobre esta personagem, sua vida ou suas obras, que o tornem crêdor de uma saudação? Claro, que não te pergunto se lêste o livro tam réclamado que dizem ser das suas próprias memórias. Ele, ali, não se refere aos horrores que se cometeram no Congo, que ele herdou do seu predecessor e de que ele tambem é rei, como tambem não se refere á honesta forma como ele acumulou a sua fortuna á custa do suor do pobre povo belga de quem ele é o mais alto representante.

Saudar o rei Alberto! Ele é o mais rico de todos os reis e pelo muito que ama o seu povo ainda da sua fortuna não saiu um centil para lhe amenisar uma dôr, atenuar uma miséria.

Mas, queres ver? Rothschild é rico, Vanderbilt é rico, Pierpont Morgan era rico; mas o rei dos belgas, com sua enorme fortuna, é tam rico como estes três milionários juntos. Os seus rendimentos anuais são (seriam, devia dizer-se) suficientes para prover ás necessidades de todos os belgas.

Assim, «a nossa simpatia pela miséria parece variar com as circunstâncias. Em 1910, quando os mineiros de Charleroi foram canhoneados com os Maxim do seu próprio governo, nós, os... não tivemos um vintem para oferecer, nem tampouco um palavra de simpatia para os pobres grevistas. As mulheres podiam chorar a morte dos seus maridos e dos seus filhos, dos pais que nunca mais tornariam a ver. Para elles não tivemos então uma expressão de simpatia, nem um reconhecimento para a sua grande luta, nem um vintem para os auxiliares».

«A morte nos campos de batalha não é mais terrivel do que a fome e a miséria. Charlyele disse que morrer é uma pequena coisa; a coisa terrivel é o viver sem saber o que o amanhã produzirá. Nem um vintem devia ser votado para auxilio dos destituídos de fóra — e este dinheiro é meramente uma oferta ao governo belga — até nós divirmos um projecto para aliviar, mos a miséria, a destituição, a fome dos de dentro».

«... um governo responsavel por horrores que não tem sido excedidos pela propria Rússia, um governo amaldiçoado com as barbaridades do Congo, onde o sangue foi derramado sem limite a fim de que a realessa belga podesse adquirir mais riquezas!»

Esse rei, que os cotados portugueses saudaram, disse ao seu povo, em Bruxelas, um dia: «estarei convocado até á última». Já lhe chamaram herói e agora saudaram-no; pois olha que quando a primeira bala alemã caiu em Antuerpia, raspou-se que nem um coelho para Ostende. Morrer era bom para o seu povo...

Lieboas, 13-4-1915.

Teu
H. QUESARIO

O bem que se faz aos homens, por maior que seja, é sempre transitório; as verdades que se lhes revelam é que são eternas. Cuvier.

Mais amostras de liberdade

O desenhador francês Grandjean, que se exilára para a Alemanha em tempos, afim de não sofrer uma condenação, motivada por um desenho publicado em *La Voix du Peuple*, e não ter a sorte do seu colega Delannoy, vitimado por uma doença que se agravou na prisão, voltou á «Pátria» com a guerra, fiado na «união sagrada». Foi preso há dias, como Bartzell na Rússia. Naturalmente, será solto: retê-lo seria demasiadamente estúpido nesta occasião. Entretanto...

O governo francês suprimiu as restricções feitas á entrada dos jornais suíços em França...

— Ah! ainda bem; af está uma medida liberal...

Mais devagar. Já não obriga os jornais burgueses da Suíça a uma demora (era só isso); mas em paga, por circular de 12 de Março, proibiu a venda do *Réveil*, de Genebra, mandando-o apreender no correio. O *Réveil*, é o único jornal anarquista que se publica actualmente em francês. Desde o começo da guerra, a sua tiragem aumentou muito, tendo grande venda em França, devido á sua attitude intransigente.

O nosso colaborador Henri Zisly escreve-nos o seguinte bilhete, datado de 9 de Abril:

«Caros camaradas da *Aurora*: «Em consequência do caso Prouvost, fui despedido do meu emprego, no qual eu trabalhava há 17 anos e meio; demais sofri uma longa domiciliária e fui interrogado pela autoridade competente; e por último parto esta noite para ser soldado. Tenho 42 anos e meio».

Do caso Prouvost, a que Zisly se refere, já nos ocupámos no nosso número de 4 do corrente, no artigo *Em tempo de guerra... de libertação*.

Desta feita é que Zisly fica convencido de que a guerra é de libertação!

Os corvos alemães

Na Alemanha, a guerra só é um mal para os pobres diabos que vão atrás do kaiser, constrangidos pela violência ou enganados com as patranhas do «perigo russo» e da «defesa da patria»: há corvos e tubarões que tiram a maior prosperidade dos sucessos e que não hão-de sofrer muito com a derrota...

O *Vortwarts*, diário socialista de Berlim, refere que são numerosas as empresas que estão distribuindo aos seus accionistas dividendo, muito superiores aos do tempo de paz.

A fábrica de moagens Roland, de Breme, dá 17 % — o ano passado deu 11 %. As manufacturas de tecidos distribuem 8 %, em vez de 6, ou mesmo mais. A sociedade Richter, de Lipsia, artigos de desporto paga 25 %, em lugar de 10 %.

As moagens de Kulmbach aumentaram 15 %, aos seus preços de moagem, ao passo que outras conservam os preços antigos, o «patriotismo» dos tais aumentos.

A sociedade anónima Mix & Genest teve grandes encomendas de material telephónico e telegraphico para o exercito e realizou em 1914 um liquido de 1.201.725 marcos, em vez dos 293.056 do ano transacto. O dividendo é de 12 em lugar de 4 %, criando-se além disso um fundo de reserva especial de 400.000 m.

Uma sociedade para o comércio de arroz, de Breme, realizou 1.793.973 m., em vez dos 504.415 em 1913 e distribui 10 em lugar de 3 %. O relatório confessa que «no começo do ano os negócios eram maus. Quando estalou a guerra, tínhamos grandes reservas, de maneira que pudemos cumprir todos os nossos contractos no país e aproveitar o aumento de preços devido á guerra. Os preços de arroz sofreram desde o inicio da guerra uma alta de 100 a 150 %». Com que candura e simplicidade é isto confessado! Falta só abençoar publicamente a guerra.

Trata-se apenas de exemplos, que, diz o órgão social-democrático, poderiam multiplicar-se.

O que se passa na Alemanha